

Martin Amis

# Lionel Asbo

## Estado de Inglaterra

Tradução de Jorge Pereirinha Pires



QUETZAL serpente emplumada | Martin Amis

# *Parte Um*



Quem deixou entrar os cães?

... Esta, receamos, irá ser a questão.

Quem deixou entrar os cães?

Quem deixou entrar os cães?

Quem?

Quem?



## 2006: Desmond Pepperdine, Moço do Renascimento

### 1

QUERIDA JENNAVEIEVE,

*Ando a ter um caso com uma mulher mais velha. Ela é uma senhora de alguma sofisticação e constitui uma refrescante mudança em relação às adolescentes que eu conheço (como a Alektra por exemplo, ou a Chanel.) O sexo é fantástico, e penso que estou apaixonado. Mas há uma complicação muito séria e é esta: ela é minha Avó!*

Desmond Pepperdine (Desmond, Des, Desi), o autor deste documento, tinha quinze anos e meio. E a sua caligrafia, hoje em dia, era compenetradamente elegante; as letras costumavam inclinar-se para trás, mas ele treinara pacientemente incliná-las para diante; e quando tudo se combinava com lisura ele começava a acrescentar pequenos floreados (o seu *e* era positivamente ornado — como um *w* virado de lado). Usando o computador que agora partilhava com o tio, Des ministrara a si próprio um curso de caligrafia, entre vários outros cursos.

*Pelo lado dos prós, a diferença de idades é surpreendentemente*  
Riscou essa parte, e reencetou.

*Começou há quinze dias quando ela telefonou para cá e disse são outra vez as canalizações amor. E eu disse avó? Vou já para aí. Ela vive num apartamento de avozinha por baixo de uma casa a um quilómetro e meio de distância e está sempre a haver um problema qualquer com os canos daquilo. Ora eu não sou canalizador,*

*mas aprendi um bocadito com o meu tio George que anda nesse ofício. Lá lhe resolvi aquilo e ela disse-me porque não ficas mais um pouco e bebemos qualquer coisa?*

Caligrafia (e sociologia, e antropologia, e psicologia), mas pontuação ainda não. Ele soletrava muito bem, o Des, mas sabia que a sua pontuação era fraquita porque ainda há pouco iniciara um curso sobre isso. E a pontuação, intuía ele (assaz acertadamente), era algo que se assemelhava a uma arte.

*Por isso bebemos alguns copos de Dubbonet ao qual não estou habituado, e ela ia olhando para mim de uma maneira esquisita. Ela está sempre a ouvir os Beatles e tinha posto a tocar todas as que eram mais lentas como a Golden Slumber, a Yesterday e a She's Leaving Home. Então a avó disse está tanto calor que vou é vestir só a minha camisa de noite. E voltou numa camiseta!*

Ele andava a tentar ministrar a si próprio uma educação — não em Squeers Free, recentemente distinguida, lera ele na *Diston Gazette*, como a pior escola de Inglaterra. Mas o seu entendimento do planeta e do universo continha vazios inconcebíveis. Ele admirava-se repetidamente com a tonelagem do que não sabia.

*Então bebemos mais uns copos, e pus-me a reparar como ela estava bem conservada. Ela tomou boa conta de si mesma e está realmente em forma se considerarmos a vida que teve. Então depois de mais uns copos ela diz-me tu não estás a ficar frito aí dentro desse casaco? Anda mas é para aqui jeitoso, e dá cá um abracinho! Bom o que podia eu fazer. Ela pôs a mão na minha perna e enfiou-ma pelos calções acima. Bom eu sou meramente humano não sou? A aparelhagem estava a tocar a I Shoud Of Known Better — mas uma coisa levou à outra, e foi uma loucura autêntica!*

Por exemplo, o único jornal nacional que Des alguma vez lera fora o *Morning Lark*. E a Jennaveieve, à qual ele se dirigia, era a sua conselheira da agonia — ou, melhor dizendo, a sua conselheira do êxtase. A página a que ela presidia consistia em pormenorizados relatos de ligações porventura completamente imaginárias, e as respostas dela consistiam num dichote lascivo seguido por um ponto de exclamação. A história de Desmond não era imaginária.

*Ora tens de acreditar que por mim tudo isto é muito «incharacterístico». Aquilo aconteceu sem querer! Está bem nós vivemos em Diston, onde não se torce muito o nariz a esse género de coisas. E, está bem a minha Avó teve uma juventude irrequieta. Mas ela é uma mulher respeitável. O que se passa é que ela está a aproximar-se de um grande aniversário e acho que isso lhe deu volta à cabeça. Quanto a mim, a minha formação é de estrito cristão pelo menos por parte da família paterna (pentecostalista). E estás a ver Jennaveieve, eu tenho sido muito infeliz desde que a minha Mãe, Cilla faleceu há três anos. Nem sei como dizer. Eu precisava de meiguice. E quando a Avó me tocou daquela maneira. Bem.*

Des não tinha qualquer intenção de expedir efetivamente por correio a sua carta a Jennaveieve (cujo corpo parcialmente despido também adornava a página intitulada, não Conselheira do Êxtase, mas Anjo da Agonia). Estava a escrevê-la simplesmente para apaziguar o seu próprio espírito. Imaginou a resposta confiadamente acrítica de Jennaveieve. Algo como: *Faço Vó tos para que ao menos te divirtas à grande!* Des continuou a escrever.

*Para além da questão legal que me anda a deixar doente com a preocupação, há outro problema enorme. O filho dela, Lionel é meu tio, e ele é como um pai para mim quando não está na prisão. Percebes é que ele é um criminoso extremamente violento e se descobre que ando a dar uma à Mãe dele, ele dá cabo de mim foda-se. Literalmente!*

Poderia argumentar-se que esta era uma grave subestimação dos pontos de vista de Lionel sobre a transgressão e a represália... O objetivo imediato, para Des, era dominar o apóstrofo. Após esse, os arcanos do dois pontos e do ponto e vírgula, do hífen, do travessão, da barra.

*Pelo lado dos prós, a diferença de idades não é assim tão grande. Percebes é que a Avozinha Grace começou cedo, e ficou grávida quando tinha 12 anos, tal como a minha M*

Ouviu o espesso voltar das fechaduras, olhou com horror para o relógio, tentou firmar-se ereto sobre pernas mortíferas — e subitamente Lionel estava ali.

## 2

Lionel estava ali, uma grande forma branca encostada na porta aberta com a fronte comprimida contra o pulso erguido, arfando roucamente e exalando um ténue vapor cinzento na sua camisola interior roxa (o elevador andava a portar-se mal, e o apartamento era no trigésimo terceiro piso — mas por outro lado Lionel poderia exalar vapor enquanto dormitava na cama durante uma tarde pacata). Sob o seu outro braço transportava um carregamento de cervejas. Duas dúzias, cobertas com politeno. Marca: *Cobra*.

«Voltou cedo, tio Li.»

Ele levantou uma palma de mão calejada. Aguardaram. Na sua aparência exterior, Lionel era brutalmente genérico — o corpo em prancha, a plena protuberância do rosto, a cabeça muito escanhoada com seu trigueiro restolho. Lá pela grande cidade mundial, havia centenas de milhares de jovens que se pareciam bastante com Lionel Asbo. Em certas iluminações e cenários ele assemelhava-se, diziam alguns, ao prodígio de Inglaterra e do Manchester United, o avançado Wayne Rooney: não excepcionalmente alto, e não gordo, mas excepcionalmente largo e excepcionalmente *fundo* (Des via o seu tio todos os dias — e Lionel tinha sempre uma dimensão maior do que a esperada). Ele até tinha o sorriso de dentes afastados do Rooney. Bom, os incisivos superiores estavam amplamente espaçados, mas Lionel muito raramente sorria. Só lhos viam quando ele os arreganhava por escárnio.

«... Que estás tu a fazer para aí com essa *caneta*? Que é isso que estás a escrever? Dá-mo cá.»

Des pensou depressa. «Uh, é sobre poesia, tio Li.»

«*Poesia?*», disse Lionel e recuou em sobressalto.

«Pois. Poema chamado *The Faerie Queene*.»

«O *quê?*... Eu às vezes desespero contigo, Des. Porque é que não andas lá por fora a partir janelas? Isso não é saudável. É verdade, escuta lá isto. Sabes aquele fulano que eu amolguei lá no

*pub* na outra sexta-feira? O Sr. “Ross Knowles”, se faz favor? Vai só apresentar queixa. Bufou de mim. Vê lá se acreditas.»

Desmond sabia como Lionel provavelmente se sentiria a respeito de um tal passo. Numa noite do ano passado Lionel chegara a casa e encontrara Des no sofá de napa preta, inocentemente refastelado diante do programa *Crimewatch*. O resultado fora uma das mais longas e ruidosas sessões de bofetada que ele jamais recebera às mãos do tio. *Eles andam a pedir aos membros do público*, dissera Lionel, postado à frente do ecrã gigante com as mãos na cintura, *para chibarem os seus próprios vizinhos*. O *Crime-watch é como um... como um programa para pedófilos, é o que é. Mete-me nojo*. Então Des disse,

«Ele foi à lei? Ah, isso é... Isso é... do mais baixo que há, é o que é. O que vai fazer, tio Li?»

«Bom, tenho andado a perguntar por aí e ao que parece ele é um solitário. Mora numa casa de uma só assoalhada. Portanto não há ninguém que eu possa ir lá aterrorizar. A não ser ele.»

«Mas ele ainda está no hospital.»

«E depois? Vou lá levar-lhe um cacho de uvas. Deste de comer aos cães?»

«Sim. Só que acabou-se-nos o Tabasco.»

Os cães, *Joe e Jeff*, eram os psicopáticos *pitbulls* de Lionel. O domínio deles era a estreita varanda do lado de fora da cozinha, onde, todo o dia, eles os dois rosnavam, caminhavam e voltavam — e prosseguiam a sua guerra de latidos com a matilha de *rottweilers* que viviam no telhado da torre de apartamentos seguinte.

«Tu não me mintas, Desmond», disse Lionel baixinho. «Tu nunca me mintas.»

«Não estou a mentir!»

«Tu disseste-me que lhes deste de comer. E não chegaste a dar-lhes o Tabasco!»

«Tio Li, eu não tinha dinheiro! Só lá têm frascos dos grandes e custam cinco e noventa e cinco!»

«Isso não é desculpa. Devias ter fanado um. Gastaste trinta libras, *trinta libras*, numa merda dum dicionário, e não podes dispensar um par de libras para os cães.»

«Eu nunca gastei trinta libras!... Foi a Avó que mo deu. Ganhou-o nas palavras cruzadas. O prémio das palavras cruzadas.»

«O *Joe* e o *Jeff* — eles não são *animais de estimação*, Desmond Pepperdine. São ferramentas do meu ofício.»

O ofício de Lionel continuava a ser um certo mistério para Des. Ele sabia que em parte aquilo tinha a ver com o limite propriamente mais rude da cobrança de dívidas; e sabia que em parte aquilo envolvia «revender» (o termo de Lionel para revender era *repor*). Des sabia isso por simples lógica, porque Extorsão Com Ameaças e Recetação de Propriedade Furtada eram os motivos pelos quais Lionel mais frequentemente ia para a prisão... Ali estava ele postado, o Lionel, fazendo algo em que era muito bom: disseminar tensão. Des amava-o profundamente e de um modo mais ou menos inquestionável (*Eu não estaria hoje aqui sem o tio Li*, dizia ele muitas vezes a si mesmo). Mas sentia-se sempre ligeiramente indisposto na presença dele. Não incomodado. Adoentado.

«...Voltou cedo, tio Li», repetiu ele com toda a desenvoltura de que foi capaz. «Onde é que esteve?»

«Na Cynthia. Nem sei porque me dou ao trabalho. Gaa, o *estado* daquela Cynthia.»

A loura espectral chamada Cynthia, ou *Cymfia*, como ele o pronunciava, era o que Lionel tinha de mais aproximado a uma namorada de infância, na medida em que começara a dormir com ela quando ela tinha dez anos (e Lionel tinha nove). Ela era também o que ele tinha de mais aproximado a uma namorada regular, na medida em que a via regularmente — uma vez a cada quatro ou cinco meses. Das mulheres em geral, Lionel tinha por vezes isto a dizer: *Dão mais trabalho do que merecem, cá por mim. Mulheres? Não estou para me maçar. Não estou para me maçar com as mulheres*. Des pensava que isso provavelmente seria o melhor: as mulheres, em geral, deveriam ficar muito agradadas por

Lionel não se maçar com elas. Uma mulher maçara-o — sim, mas essa maçara toda a gente. Era uma beldade promíscua chamada Gina Drago...

«Des, aquela Cynthia», disse Lionel com um saciado olhar de esguelha. «Cristo. Até, uh, durante o uh, tu sabes, durante aquilo, eu estava a pensar, Lionel, tu estás a desperdiçar a tua juventude. Lionel, vai para casa. Vai para casa, rapaz. Vai para casa e vê alguma pornografia decente.»

Des pegou no Mac e pôs-se expeditamente em pé. «Tome. Eu de qualquer maneira vou sair.»

«Ah sim? Onde? Vais ter com aquela Alekra?»

«Ná. Vou ter com os meus amigos.»

«Bem, vê se fazes alguma coisa útil. Rouba um carro. Eh, adinha só. O teu tio Ringo ganhou a lotaria.»

«Não me diga. Quanto?»

«Doze libras e cinquenta. É um jogo de tansos, a Lotaria, cá por mim. Oi. Tenho andado para te perguntar uma coisa. Quando tu saís por aí à noite...»

Des estava ali de pé segurando o Mac com ambas as mãos, como um serviçal com um tabuleiro. Lionel estava ali de pé com as *Cobras* em ambas as mãos, como um carregador com um fardo.

«Quando tu saís por aí à noite, levás uma naifa?»

«Tio Li! Conhece-me bem.»

«Bom, é que devias levar. Para tua própria segurança. E para tua paz de espírito. Ainda acabas por ficar despido. Ou pior. Já não há lutas a soco, em Diston não. Só há lutas à naifada. Até à morte. Ou com fugantes. Bom», contemporizou ele, «suponho que também não te conseguem ver no meio do escuro, foda-se.»

E Des limitou-se a sorrir com os seus limpos e alvos dentes.

«Tira uma naifa da gaveta antes de saíres. Uma daquelas pretas.»

Des não foi ter com os seus amigos. (Ele não tinha amigos nenhuns. E não queria amigos nenhuns.) Abalou dali até casa da avó.

Como sabemos, Desmond Pepperdine tinha quinze anos. Grace Pepperdine, que levava uma vida muito exigente e dera à luz muitas, muitas crianças, estava razoavelmente apresentável aos trinta e nove. Lionel Asbo tinha uns fortemente desgastados vinte e um.

... Na poeirenta Diston (também conhecida como Vila de Diston ou, mais simplesmente, Vila), nada — e ninguém — tinha mais de sessenta anos de idade. Numa tabela internacional para a esperança de vida, Diston surgiria entre o Benim e o Jibuti (cinquenta e quatro para os homens e cinquenta e sete para as mulheres). E isso não era tudo. Numa tabela internacional para as taxas de fertilidade, Diston surgiria entre o Malávi e o Iémen (seis filhos por casal — ou por mãe solteira). Por conseguinte a estrutura etária em Diston tinha uma estranha configuração. Mas mesmo assim: Diston não haveria de minguar.

Des tinha quinze. Lionel tinha vinte e um. Grace tinha trinta e nove...

Ele debruçou-se para abrir o ferrolho do portão, desceu saltitando os sete degraus de pedra, bateu no batente. Pôs-se à escuta. Aí vinha o rumor dos chinelos de pelo dela, e em fundo (como sempre) a pureza melódica de uma canção dos Beatles. A que ela mais preferia em todos os tempos: «When I'm Sixty-Four».

## 3

A alvorada fulgiu acima do incrível edifício — a empilhada imensidão da Torre Avalon.

Na varanda com cortinas (do tamanho de um acanhado lugar de estacionamento), *Joe* estava deitado a sonhar com outros cães, cães inimigos, mastins infernais com olhos reluzentes. Ladrou durante o sono. *Jeff* rebolou para o outro lado com um ditoso suspiro.

No quarto de dormir número um (do tamanho de um campo de *squash* de teto baixo, com consideráveis distâncias entre as coisas, entre a porta e a cama, entre a cama e o roupeiro, entre

o roupeiro e o espelho basculante em seu pedestal), Lionel estava deitado sonhando com a prisão e os seus cinco irmãos. Estavam todos eles na cantina, fazendo fila para as barras de *Mars*.

E no quarto de dormir número dois (do tamanho de uma generosa cama de quatro postes), Des estava deitado sonhando com uma escada que se erguia até ao céu.

Veio o dia. Lionel saiu mais cedo com *Joe e Jeff* (negócios). Des continuou a sonhar.

Já há uns seis ou sete meses que ele andava a sentir aquilo: as ânsias e as estimulações da inteligência dentro do seu ser. Cilla, a mãe de Des, morrera quando ele tinha doze, e durante três anos ele entrara numa espécie de transe, num sono plúmbeo; tudo era dormência e ausência de Mãe... Depois ele acordara.

Começara a manter um diário — e um caderno de apontamentos. Havia uma voz na sua cabeça, e ele ouvia-a e conversava com ela. Não, ele comungava com ela, ele comungava com os sussurros da sua inteligência. Será que todas as pessoas tinham uma, uma voz interior? Uma voz interior que era mais esperta do que elas? Ele pensava que provavelmente não. Então de onde vinha aquilo?

Des olhou para a sua árvore familiar — para a sua Árvore do Conhecimento pessoal.

Bom, Grace Pepperdine, a Avó Grace, não frequentara muito de perto a educação dela, por razões óbvias: era mãe de sete filhos aos dezanove anos de idade. Cilla viera primeiro. Todos os restantes foram rapazes: John (que era agora estucador), Paul (capataz), George (canalizador), Ringo (desempregado) e Stuart (um andrajoso escritor). Havendo esgotado os Beatles (incluindo o Beatle «esquecido», o Stuart Sutcliffe), Grace crismara exasperadamente o seu sétimo filho como Lionel (conforme a um herói muito inferior, o coreógrafo Lionel Blair). Lionel Asbo, como ele viria mais tarde a tornar-se, fora o mais novo numa família muito extensa superintendida por uma mãe solteira que mal tinha ainda idade para votar.

Embora fizesse as palavras cruzadas do *Telegraph* (não as Rápidas mas as Críticas — tinha uma estranha aptidão para aquilo), fora isso Grace não era uma pensadora arguta. Cilla, por outro lado, *era tão esperta como uma pipa de macacos*, segundo Lionel. «*Dotada*», diziam eles. *A melhor da turma dela sem se esforçar sequer. Depois ficou prenhe de ti. Já estava de seis meses quando conseguiu o seu Onze Mais. Mesmo assim passou. Mas depois disso, depois de tu teres chegado, Des, acabou-se tudo.* Cilla Pepperdine não deu à luz mais filhos, mas continuou a ter uma juventude tão tumultuosa quanto era humanamente possível com um bebé dentro de casa — um bebé, que depois aprendeu a andar, e depois se tornou um rapazinho.

Que sabia ele acerca do seu pai? Muito pouco. E era uma ignorância largamente partilhada por Cilla. Mas toda a gente sabia isto a respeito dele: era preto. Daí a cor resinosa de Desmond, *café crème*, com a sombra de algo mais escuro em si. Pau-rosa, porventura: com fino grão e soltando uma distintiva fragrância. Ele era um jovem de doce odor e delicadamente constituído, com dentes uniformemente brancos como menta e olhos pesarosos. Quando ele sorria ao espelho, sorria tristemente para o fantasma do seu pai — para o fantasma do genitor perdido. Mas no mundo da vigília ele somente o vira uma vez.

Iam a caminhar pela Steep Slope acima, de mão dada, o Des (com sete) e a Cilla (com dezanove), após uma ida à feira de diversões em Happy Valley, quando ela dissera subitamente,

«É ele!»

«Quem?»

«O teu pai!... Olha. É tal e qual tu!... Boca. Nariz. Cristo!»

Muito pobremente vestido, e chocantemente calçado, o pai de Des estava num banco de rua metálico, sentado entre uma encardida mochila amarela e cinco garrafas vazias de *Strongbow*. Durante vários minutos Cilla tentara despertá-lo, com violentos abanões

e uns beliscos só com as unhas e, mais perto do fim, uns bofetões alarmantemente sonoros aplicados com a palma da mão.

«Tu achas qu'ele está *morto*?» Cilla debruçara-se e encostara um ouvido ao peito dele. «Às vezes isto dá resultado», disse ela — e aplicadamente, demoradamente, beijou-lhe os olhos... «Não vale a pena.» Ela endireitara-se e dera ao pai de Des um último bofetão ensurdecador. «Oh, pronto. Anda lá, querido.»

Pegara na mão dele e pusera-se a caminhar depressa, e Des foi tropeçando ao lado dela com a cabeça ainda a torcer-se descontroladamente para trás.

«Tens a certeza de que é ele, Mamã?»

«Claro que tenho a certeza. Não sejas atrevido!»

«Mamã, para! Ele está a acordar. Vai lá beijar-lhe os olhos outra vez. Ele está a mexer-se.»

«Não. É só o vento, amor. E eu queria perguntar-lhe uma coisa. Queria perguntar-lhe qual é o nome dele.»

«Tu disseste que o nome dele era Edwin!»

«Isso foi só um palpite. Tu sabes como eu sou. Consigo lembrar-me de uma cara — mas não consigo lembrar-me de um nome. Ah, seu bebé chorão. Não faças isso...» Ela agachara-se ao lado dele. «Escuta. Desculpa, querido. Mas que posso eu dizer? Ele veio-se e foi-se numa tarde!»

«Tu disseste que tinha durado uma semana inteira!»

«Ah, não faças isso. Não faças isso, querido. Dás-me cabo do coração... Escuta. Ele era simpático. Ele era amável. Foi daí que veio a tua religião.»

«Eu não sou religioso», dissera ele, e assoara-se ao lenço que ela estava a comprimir-lhe contra o nariz. «Eu detesto a igreja. Só gosto das histórias. Dos milagres.»

«Pois foi daí que te veio toda a tua ternura, meu amor. Não foi em mim que tu a arranjaste.»

Portanto Des só o vira uma vez (e Cilla, aparentemente, só o vira duas vezes). E nenhum deles poderia de modo algum saber quão excruciante se tornaria este encontro na memória de Desmond. Porque também ele, dentro de cinco anos, tentaria com

grande dificuldade acordar alguém — acordar alguém, trazer alguém de volta...

Foi só um deslize, foi só um pequeno deslize, só um pequeno deslize no chão do supermercado.

Portanto o Des (levantando-se agora da cama, na grande cidadela) — o Des pensava ser precipitado atribuir alguma grande acuidade, algum grande *nous*, ao seu pai. Quem seria, então, a fonte desses murmúrios, dessas encantadoras expansões, quais fulgores solares, que iam efetuando seu labor no espírito dele? Dominic Oldman — eis quem.

O avô Dom mal acabara ainda de sair da escola primária quando empenhara a avó Grace com a Cilla. Mas na época em que regressara (e ficara por ali tempo suficiente para empenhá-la com Lionel), ele andava na Universidade de Manchester, a estudar Economia. *Universidade*: dificilmente se conseguiria exagerar a reverência e a frequência com que Des murmurava tal palavra. A sua tradução pessoal para ela era *o único poema*. Para ele aquilo significava algo como a harmonia do cosmos... E ele queria aquilo. Ele queria a *universidade* — ele queria o único poema.

E aqui estava o mais engraçado. Cilla e Lionel eram conhecidos na família como «os gémeos», por serem as únicas crianças que tinham o mesmo pai. E Des acreditava que Lionel (apesar do seu medonho CV) compartilhava secretamente do acúmen de Oldman. A diferença, ao que parecia, era de atitude. Des adorava-a, à sua inteligência; e Lionel odiava-a. Odiava-a? Bom, era tão nítido como o dia que ele sempre a combatera, e que tinha orgulho em ser estúpido de propósito.

Quando Des ia a casa da avó, estava ele a ser estúpido de propósito? E estava ela a fazer o mesmo — quando o deixava entrar? Após a noite fatídica veio a fatídica manhã...

*Trouxe-lhe leite*, disse-lhe ele à porta.

Ela virou-se. Ele seguiu-a. Grace tomou posição no cadeirão de braços junto à janela, com os seus óculos de avozinha (os aros circulares de metal), com o seu rosto desempoeirado penitentemente debruçado sobre as palavras cruzadas do *Telegraph*. Ao fim de algum tempo ela disse,

*Frequentemente detido, tendo para este no último minuto. Quatro, cinco, seis, seis, oito... Na cadeia temporal.*

*Na cadeia temporal. Como é que conseguiste resolver essa?*

*Frequentemente detido — muitas vezes na cadeia. Tendo — t. Para este — e. No último minuto. Na cadeia temporal. Des. Tu e eu. Nós vamos é para o Inferno.*

Dez minutos depois, em cima do divã baixo, ela disse, *Desde que ninguém saiba. Nunca. Onde está o mal?*

*Pois. E por estes lados. Quero dizer, não é considerado assim tão mau.*

*Não, não é. Tios e sobrinhas. Pais e filhas por toda a parte.*

*E lá na Torre há aquele casal de gémeos que vivem em pecado... Mas tu e eu. Avó, achas que é legal?*

*Não me chames Avó!... Talvez seja uma infração. Por tu ainda não teres dezasseis anos.*

*O quê, tipo uma multa? Pois, provavelmente tens razão. Grace. Mesmo assim.*

*Mesmo assim. Tenta é ficar longe, Des. Mesmo que eu te peça... Tenta é ficar longe.*

E ele tentou. Mas quando ela pedia, ele ia, como se magnetizado. Ele voltava — voltava à pantomima em queda livre do terrível destino.

«A principal função do ponto e vírgula», leu ele no seu *Dicionário Conciso de Oxford*, «é a de assinalar uma separação gramatical dotada de um efeito mais forte que o de uma vírgula mas menos forte que o de um ponto final.»

Des tinha o peso do livro assente no regaço. Era a sua posse mais valiosa. A sobrecapa de papel era em azul *real* («profundo, vívido»).

«Também se pode usar um ponto e vírgula como divisão mais forte numa frase que já contenha vírgulas:

O que me mutilou? Terá sido minha avó, torcendo o nariz à minha afeição infantil e transformando-a em cordialidade e fria cortesia; ou terá sido minha piedosa mãe, com suas patológicas cautelas; ou terá sido meu débil tio, o qual, a despeito de numerosas afrontas e agravos, se provou incapaz de ao menos...»

Des ouviu os cães. Não estavam a ladrar, apercebeu-se ele, não exatamente: estavam a praguejar (e os *rottweilers* do telhado, ténue e quase lamentosamente, estavam a praguejar de volta).

*Vão-se foder!* berrava o Joe (ou o Jeff). Era quase um monossílabo. *Vão-se foder!... Foda-se!... Foda-se!... Vão-se foder!*

*Vão-se foder!* berrava o Jeff (ou o Joe). *Vão-se foder!... Foda-se!... Foda-se!... Vão-se foder!*

## 4

«Os cães», disse Lionel, «descendem dos lobos. É essa a linhagem deles. Ora os *lobos*», prosseguiu ele, «não são o inimigo natural do homem. Oh não. Não há lobo que ataque um humano. Isso é um mito, essa é que é essa, Des. Um mito total.»

Des ouvia. Lionel pronunciava «mito» como *mifo*. Os pronomes possessivos plenos — *teu, deles, meu* — ainda faziam aparições por convite no seu inglês, e ele não desafiava invariavelmente o número gramatical (*eles era*, e assim por diante). Mas a sua prosa verbal estava em acentuado declínio. Até há poucos anos Lionel pronunciava «Lionel» como *Lionel*. Mas hoje em dia ele pronunciava «Lionel» como *Loyonel*, ou até *Loyonoo*.

«Ora eu sei que tu achas que eu sou severo com o *Jeff* e o *Joe*. Mas isso é para quê. Para os fazer atacar humanos — quando eu cá quiser... Já está na altura de eu os empiteirar outra vez.»

A cada duas semanas Lionel empiteirava os cães com *Special Brews*. Interessante, isso, pensou Des. Na América, evidentemente, *empiteirado* significava irritado ou chateado; em Inglaterra, *empiteirado* significava apenas bêbedo. Após seis latas daquela potente cerveja de malte para cada um, o *Jeff* e o *Joe* ficavam empiteirados em ambos os sentidos. *Claro, eles não servem para nada se estiverem mesmo empiteirados*, dizia Lionel. *Avançam todos afoitos, mas quase nem conseguem andar. É na manhã seguinte — ooh. Aí é que eles estão saborosos...* Aquele ooh soara mais como *ouh*. E esse nem era o único exemplo do inadvertido francês de Lionel. Ele também usava *un* — como um modesto expletivo, denotando frustração, esforço ou até moderada dor física. Des disse então,

«Já os empiteirou no penúltimo sábado.»

«Eu fiz isso? Para quê?»

«Ia ter aquele encontro com o mânfio de Redbridge. No domingo de manhã.»

Lionel disse, «Pois foi, Des. Pois foi.»

Estavam a desfrutar do seu habitual pequeno-almoço de doce chá aleitado e *Pop-Tarts* (havia também algumas latas de *Cobra* ali à mão). Tal como o quarto de Lionel, a cozinha era espaçosa, mas estava dominada por dois artigos de mobiliário que a tornavam acanhada. Primeiro, o televisor que ocupava uma parede inteira, impressionante em si mesmo mas quase impossível de se ver. Não se conseguia ganhar distância suficiente em relação a ele, e as cores transbordavam e toda a gente ostentava um nimbo de brancura com aspeto espectral. Fosse o que fosse que estivesse efetivamente em exibição, Des sentia sempre estar a ver um documentário sobre o Ku Klux Klan. O artigo número dois, conhecido como *o tanque*, era um caixote de lixo cuboide feito em bronze, cujas dimensões correspondiam às de uma vulgar máquina de lavar louça. *Não tem só um aspeto elegante*, dissera Lionel, quando com a ajuda de Des o arrastara para fora do elevador. *É uma bela peça de artesanato feito à máquina. Alemão. Cristo. Pesa bastante*. Mas também este artigo tinha a sua falha.

Lionel acendeu então um cigarro e disse, «Tu tens andado a sentar-te em cima dele.»

«Nunca.»

«Então porque é que ele não se abre?»

«Quase nunca se abriu, tio Li», disse Des. «Desde o princípio.» Já tinham discutido isto muitas vezes antes. «E quando vem a abrir-se, não se consegue fechá-lo.»

«Às vezes abre-se. Foda-se, não tem utilidade nenhuma para homem ou animal, não é. Fechado.»

«Parti metade duma unha a tentar abri-lo.»

Lionel inclinou-se para lá e deu um puxão na tampa. «Un... Tu tens andado a sentar-te em cima dele.»

Comeram e beberam em silêncio.

«Ross Knowles.»

Seguiu-se um grave debate, ou uma grave disquisição, sobre a diferença entre DCE e DCA — entre os Danos Corporais Efetivos e os seus severos irmãos mais velhos, os Agravados. Tal como muitos delinquentes de carreira, Lionel estava quase ao nível de um doutoramento em questões de lei criminal. A lei criminal, afinal, era o terceiro elemento da sua trindade vocacional, sendo os outros dois a vilania e a prisão. Quando Lionel falava acerca da lei (buscando uma espécie de estilo rebuscado), Des prestava sempre grande atenção. Em todo o caso a lei criminal andava sempre muito no espírito dele.

«Em resumo, Des, em resumo, é a diferença entre o estojo de primeiros socorros e a enfermaria de sinistrados.»

«E esse Ross Knowles, tio Li. Há quanto tempo é que ele está no Diston General?», perguntou Des (referindo-se ao pior hospital de Inglaterra).

«Oi. Objeção. Isso é prejudicial.»

Arfando e babando-se, *Jeff* e *Joe* olhavam para dentro através da porta de vidro: expressões impávidas, com testas de rufia, e as pequenas orelhas deles tentando apontar uma para a outra.

«Prejudicial porquê?»

«Hipótese.» *Hipófese*. «Dei uma palmadita ao Ross Knowles numa luta justa, ele sai do Hobgoblin — e enfia-se debaixo de uma camioneta.» Camioneta: pronunciada *camio-netah* (com uma paragem glotal no plosivo terminal). «Estás a ver? Prejudicial.»

Des assentiu com a cabeça. Na verdade havia fortes rumores de que o Ross Knowles saíra do Hobgoblin em cima de uma maca.

«Segundo a Ata das Ofensas Contra a Pessoa», prosseguiu Lionel, «há o Assalto Comum, os DCE, e os A. É decidido, Des, pelo teu nível de intenção e pela seriedade dos ferimentos. Arma ofensiva, arma ofensiva de qualquer tipo, sabes, qualquer coisa como um copo de cerveja — isso é A. Se ele precisar de uma transfusão de sangue — isso é A. Se lhe deres um pontapé na tola — isso é A.»

«O que é que usou nele, tio Li?»

«Um copo de cerveja.»

«Ele precisou de alguma transfusão de sangue?»

«Dizem que sim.»

«E deu-lhe um pontapé na tola?»

«Não. Saltei em cima dela. Com os meus sapatos de ténis, repara... Uh, desfiguramento visível ou incapacidade permanente — aí é que está o busílis, Des.»

«E neste caso, tio Li?»

«Bom eu cá não sei, não é. Não sei em que espécie de pildra esteve ele antes.»

«... Porque é que lhe deu essa tarefa?»

«Não gostei do sorriso que ele tinha na cara.» Lionel soltou a sua risada — uma série de roncões viscerais. «Não. Não sou assim *tão* tosco.» (*Tos-coh*.) «Tive duas razões, Des. O Ross Knowles — eu ouvi o Ross Knowles dizer qualquer coisa a respeito de comprar uma carripana ao Jayden Drago. E ele tem o mesmo bigode que o Marlon. O Ross tem. De modo que dei-lhe uma tarefa.»

«Espere aí.» Des tentou compreender aquilo (foi em busca do *sequitur*). Jayden Drago, o reputado vendedor de carros usados, era pai da Gina Drago. E o Marlon, Marlon Welkway, era primo direito (e íntimo associado) de Lionel. «Mesmo assim não percebo.»

«Jesus. Tu não ouviste dizer? O Marlon sacou a Gina! Pois. O Marlon sacou a Gina... De modo que tudo isso se juntou no meu espírito. E deixou-me com uma certa disposição.» Durante algum tempo Lionel roeu o polegar. Levantou os olhos e disse com neutralidade, «Ainda estou a contar com o Assalto Comum. Mas o meu advogado disse que os ferimentos eram uh, *mais consistentes com Tentativa de Homicídio*. De modo que logo veremos. Tu vais hoje à escola?»

«Sim, estava a pensar que sou capaz de ir lá dar uma olhadela.»

«Ah, tu és mesmo um anjinho. Anda lá.»

Tornaram a encher as tigelas da água. Seguidamente homem e rapaz desceram em fila os trinta e três andares. Lionel, como habitualmente, foi à loja da esquina comprar os seus cigarros e o seu *Morning Lark* enquanto Des esperava no meio da rua.

«... Fruta, tio Li? Não parece seu. Você não come fruta.»

«Como pois. O que pensas tu que é uma *Pop-Tart*? Olha. Belo cacho de uvas. Estás a ver, tenho um amigo que está uh, maldisposto. Pensei ir até lá animá-lo. Põe isto na tua sacola.»

Passou-lhe para a mão o frasco de Tabasco. E uma maçã.

«Uma bela Granny Smith. Para a tua professora.»

Para evocar a vila londrina de Diston, viremo-nos para a poesia do Caos:

Cada coisa hostil  
 A todas as outras coisas: em todos os pontos  
 O calor combatia o frio, o húmido a secura, o macio  
 a dureza, e o que não pesava  
 Resistia ao peso.

Portanto Des vivia a sua vida em túneis. O túnel do apartamento até à escola, o túnel (não o mesmo túnel) da escola até ao apartamento. E todos os meandros que o levavam até Grace, e o traziam novamente de lá. Ele vivia a sua vida em túneis... E contudo para a alma sensível, na Vila de Diston, realmente apenas havia um sítio para se olhar. Para onde iam os olhos? Iam para cima, para cima.

Escola — Squeers Free, sob um céu de brancura: o túbio reitor, os branqueles desmoralizados dentro dos seus fatos de treino em *rayon*, o pequeno ginásio decrépito com seus ardis e armadilhas, os Consultores de Estilo de Vida (Cada Criança Importa), e os Coordenadores de Necessidades Especiais (que lidavam com todos os «não leitores»). Além disso, Squeers Free definia o padrão para a maioria das chamadas para a polícia, da menor quantidade de passagens nos exames do secundário, e das mais altas taxas de absentismo às aulas. Também liderava a matilha em suspensões, expulsões e «desdobramentos» para as URA; um tal desdobramento — uma transferência para uma Unidade de Referência de Alunos — era normalmente a porta para um Centro de Custódia Juvenil e seguidamente para uma Instituição para Jovens Ofensores. Lionel, que seguira esse percurso, falava sempre dos seus cinco anos e meio (dentro e fora) na Instituição para Jovens Ofensores (ou *Ijo*, como ele lhe chamava) com pesaroso carinho, como alguém que recordasse um rito de passagem — inevitável, agrídice. *Estive fora durante um mês, recordaria ele tipicamente. Depois voltei lá para o Norte. Para fazer o meu Ijo.*

Por outro lado, Squeers Free dispunha na sua sala de pessoal de um excepcional Mentor de Aprendizagem — um tal Sr. Vincent Tigg.

*O que se passa contigo, Desmond? Sempre foste um preguiçoso. Agora nunca te fargas. Bom, o que vem a seguir?*

*Gosto de linguagens modernas, senhor. E de história. E de sociologia. E de astronomia. E...*

*Tu não podes estudar tudo, sabes.*

*Posso sim. Moço do Renascimento, não é.*

*... Vê se tens tento nesse sorriso, rapaz. Muito bem. Logo se verá o que se arranja para ti. Agora vai lá à tua vida.*

E no pátio da escola? Julgando pelas aparências, Des era um dos principais candidatos à perseguição. Raramente fazia gazeta, nunca dormia nas aulas, não assaltava os professores nem ia injetar-se para os sanitários — e preferia a companhia do sexo mais gentil (sendo o sexo mais gentil, em Squeers Free, assaz rude que bastasse). Portanto no curso normal das coisas o Des teria sido selvaticamente oprimido, tal como todos os outros inadaptados (marrões, choninhas, quatro-olhinhos, gorduchos transpirados) eram selvaticamente oprimidos — até ao limiar do suicídio e para além disso. Chamavam-lhe Corda de Saltar e Jogo da Macaca, mas o Des não era oprimido. Como explicar isso? Para usar a expressão favorita do tio Ringo, era daquelas coisas que *nem era preciso pensar*. Desmond Pepperdine era inviolável. Era o sobrinho, e estava sob a tutela, de Lionel Asbo.

Na rua era diferente. Uma vez em cada período escolar, é certo, Lionel escoltava-o até Squeers Free, e escoltava-o uma vez mais de volta no mesmo dia (refreando, com exagerada dificuldade, os dois espumantes *pitbulls* nas suas espessas correntes de aço). Mas seria uma tolice supor-se que todo e cada malfeitor e artista de pandilha (e que todo o rufião jamaicano ou jihadista) no feudo inteiro ouvira falar do grande associial. E era diferente de noite, porque diferentes pessoas, diferentes formas se levantavam quando ficava escuro... Des era ligeiro de pés, mas à parte isso não se adequava à vida na Vila de Diston. Sendo a segunda ou mesmo a primeira natureza de Lionel (que fora declarado «incontrolável» aos dezoito meses de idade), a violência era alheia a Des, o qual sempre sentira que a violência — por mais extrema e ubíqua que ela certamente parecesse ser — vinha de uma outra dimensão.

Portanto, neste dia, ele desceu o túnel e foi até à escola. Mas no caminho para casa fez uma finta lateral e tomou um desvio. Com hesitação, e com ensurdecidora insegurança, entrou na Biblioteca Pública em Blimber Road. Squeers Free tinha uma biblioteca, evidentemente, um distante anexo pré-fabricado com alguns manuais elementares e alguns livros de bolso já rasgados espalhados lá pelo chão... Mas isto: fileira após fileira de estantes de peito inchado, como uns generais sumptuosamente condecorados. Com que direito ou a que título se poderia reclamar alguma parte daquilo? Ele entrou na Sala de Leitura, onde os jornais, firmemente presos nuns longos esteios de madeira, estavam aparentemente disponíveis para escrutínio. Ninguém o deteve enquanto ele se aproximava.

Ele já tinha evidentemente *visto* os diários anteriormente, na loja da esquina e assim por diante, e havia os *Telegraphs* da Avó, mas a sua experiência dos periódicos propriamente ditos confinava-se aos *Morning Larks* que Lionel deixava pelo apartamento, todos amarfanhados, como umas ervas bravias de *origami* (também havia a ocasional *Diston Gazette*). Desviando respeitosamente os olhos do *Times*, do *Independent* e do *Guardian*, Des estendeu a mão para o *Sun*, que ao menos se *parecia* com um *Lark*, com o seu logótipo carmesim e a noiva do futebolista na capa saindo aos tropeções de um clube noturno com sangue a escorrer-lhe pelo pescoço. E, pois com certeza, na página três (Notícias Breves) havia uma robusta ruiva vestida com cuecas e um *sombbrero*.

Mas seguidamente paravam todas as semelhanças. Tinha-se escândalo e mexericos, e mais raparigas, mas também notícias internacionais, relatos parlamentares, comentários, análises... Até então ele aceitara o *Morning Lark* como um reflexo preciso da realidade. Com efeito, por vezes pensava tratar-se de um jornal local (um despreocupado adjunto da *Gazette*), tal era a sua fidelidade aos costumes e usos da comunidade onde habitava. Agora, porém, enquanto ali estava em pé com o *Sun* estremecendo

nas mãos, o *Lark* revelara-se como aquilo que era — um magazine diário para a rapaziada, que fazia as vezes de um jornal de arquivo.

O *Sun*, como recomendação adicional, trazia uma coluna de correio sentimental presidida não pela tibia Jennaveieve, mas por uma velha querida com ar sabedor chamada Daphne, que lidava simpaticamente, nesse dia, com uma quantidade de problemas e dilemas assaz sérios, e que sugeria panfletos e linhas de apoio, e que parecia genuinamente...

«Querida Daphne», sussurrou Desmond.

## 5

Façamos retroceder o relógio até janeiro e à véspera do décimo quinto aniversário dele.

O tio Lionel estava lá fora na varanda, a atiçar os cães. Des, com um avental branco (nessa época ele não cometera mal algum e não conhecia perfídia), estava a tratar das lavagens.

*Anda cá para fora, Des. Esquece as tuas lides da casa... Escuta. Estás proibido de ir à escola amanhã.*

*Então porquê, tio Li?*

*Digo-te de manhã... Des. Raparigas. Tu já fizeste aquilo? Não, não respondas. Não quero saber. Olha para ti com o teu babero branco. Catorze anos.*

Des foi acordado por uma lufada de fumo de cigarro. Pestanejou para o alto com os seus olhos de anjinho. Lionel, com uma camisola de malha preta, estava por cima dele à espera.

*Alça-te daí, disse-lhe ele, e sentou-se. Muito bem. Tu agora és um homenzinho. Tens quinze anos. E és órfão. Portanto tens de dar ouvidos ao teu tio Li.*

*Sim. Claro.*

*Pronto. Deste dia em diante, filho, podes passar a usar o meu Mac. Quando eu não estiver em casa.*

Sorrindo, Des disse-lhe obrigado, e com toda a sinceridade. Teve também aquela sensação familiar de Lionel enquanto uma espécie de antipapá ou de contrapai.

*Mas escuta.* Lionel levantara um indicador rechonchudo. *Não é para andares só a brincar com aquilo. Quero que concentres os teus esforços.*

*Em quê?*

*Pornografia.*

Em comum com qualquer outro distonita que tivesse idade suficiente para andar, Des sabia da existência de pornografia na Rede. Nunca fora à procura dela. *Pornografia, tio Li?*

*Pornografia. Estás a ver, Des, isso é que é. Na realidade tu não precisas de raparigas. Raparigas? Dão mais trabalho do que merecem, cá por mim. Com o Mac, tu podes ter três novas esfregas todos os dias — usando apenas a tua imaginação! E não te custa um tusto, foda-se. Pronto. Acabou a palestra. Assim acaba a primeira lição. Promete-me só que vais pensar nas minhas palavras. E toma lá mais uma de cinco para ti.*

Lionel pôs-se em pé. Sorriu mostrando os dentes (uma ocorrência rara) e disse,

*Vá lá, faz à vontade o que tens a fazer... Quando eu voltar para casa hoje à noite, tu hás de estar a segurar uma bengala branca. Na tua palma da mão peluda. O sorriso dele aprofundou-se. Só espero que o Jeff e o Joe se deem bem como teu cão-guia. Até te dou uma dica: Faciais Fodidas. Para começares com o pé direito. Bom, filho. Feliz aniversário. Ainda bem que tivemos esta conversa. Desanuviou os ares.*

Des, efetivamente, deu uma rápida olhadela à *Faciais Fodidas*. E esse sítio, descobriu ele, tinha um nome muito apropriado: nunca na vida ele vira algo de tão fodido assim. Após avançar de boca aberta entre trinta segundos daquilo, clicou no Histórico. Não havia dúvida alguma. A pornografia que Lionel via era de um gosto altamente questionável. Por isso, durante uma hora Des

surfou, ou atolou-se, ao acaso no Pacífico da imundície. Essa navegação ou afundamento, percebeu ele com uma espécie de terror, era uma maneira de descobrirmos quem éramos, sexualmente, ao descobrirmos do que gostávamos — quer se gostasse do que se gostava ou não.

E do que gostava ele, o Desmond Pepperdine? Bom, a sua alma era instantaneamente e reconfortantemente avessa a tudo o que fosse esquisito. Ou a tudo o que fosse rude. Num balouçante e interminável plano aproximado, até a copulação vulgar parecia horrenda (isto é o que acontece, pensou ele subitamente, quando um jardim zoológico viola um aquário). E todos aqueles indivíduos despídos, com caras de motoqueiro ou de condenado, e as suas tatuagens de terceiro grau... As coisas de lésbicas eram porreiras, mas do que ele gostava, afinal, era disto: uma rapariga bonita a agir sozinha, despindo-se vagarosamente (nunca era com lentidão suficiente), e entregando-se, porventura, a uma discreta carícia íntima — com a iluminação toda brumosa e vaga. Praticamente tudo o resto lhe parecia coisa de gladiadores. Sou um romântico! pensou ele. Eu sabia... E após um pensativo interlúdio, sob os auspícios da *Estimulações Estritamente a Solo* e mais particularmente de uma loura que parecia uma varinha de condão chamada Cadence Meadowbrook, Des pusera de lado a Rede, fora em busca da Nuvem, e começara a aprender sobre caligrafia.

A Nuvem, a Rede: era o fruto da Árvore do Conhecimento — o Conhecimento do Bem e do Mal. Era a Queda moderna. E não havia como voltar atrás.

*Tu estás outra vez a fazer aquela cara esquisita*, disse ele durante a sua sessão seguinte com a Alektra.

*Qual cara esquisita?*

*Como se estivesses a olhar para um espelho. Ou para uma câmara... Ai. Isso dói.*

Com a Chanel foi o mesmo — e com a Joslinne, e com a Jade. O que se esperava? Eles tinham começado a aprender coisas acerca dos pássaros e das abelhas (em alta definição) quando tinham três anos.

*...Porque é que estás sempre a cuspir e a dizer que és muito porca?*

*Os rapazes esperam isso.*

*Ele disse-lhe, Eu não. Estás a ver, amor, é que eu sou um romântico. Foi assim que me fizeram.*

E era tudo tão diferente com Grace.

Naquela primeira vez, quando ela lhe começara a lançar os olhares esquisitos, ele ficara paralisado pela irrealidade de tudo aquilo, primeiro com os *Dubonnets* — e a seguir a camiseta! *Anda mas é para aqui, jeitoso, e dá cá um abraço.* A premissa inalterável era esta: ele não podia magoá-la, ele não podia rejeitá-la, isso não estava nele, não era assim que o tinham feito. Por isso caminhara até ao outro lado da sala. E que longa caminhada fora aquela — quatro metros e meio, pelo meio do apartamento de avozinha, da graça até à Grace. Ele caminhara através da sala devido à clara impossibilidade de proceder de outro modo, e penetrara no imprudente mundo dos surdos. Seguidamente recostara-se para trás e sucumbira a uma experimentação — uma experimentação de suavidade. E a textura da carne dela ao toque, com aquela estranha elasticidade em si, e a profundidade de tudo o que vivia a vida, vieram então languidamente afligi-lo a ele e ao seu corpo.

*Oh, tu és tão bonito, Desi meu mais querido. Até me dói o coração por tu seres tão bonito.*

E o coração dele, por seu turno, flamejava dentro dele, como um clímax interno que lhe percorresse o peito até à garganta. Beijou o pescoço dela. Ela tocou-lhe na testa. Sobre a mesa estava um frasco de compota de morango com uma colher lá dentro. A aparelhagem estereofónica, com o seu minúsculo mas furioso olho vermelho, estava a tocar «If I Fell».

Isso fora em março, e agora era abril. Era abril, com o seu pinga pinga pinga...

«Des, há uma coisa que eu nunca te contei.»

Estavam a vestir-se. Tudo estava para trás deles de momento — o laboratório de pecado à prova de som.

«Que coisa, Avó? Desculpa. Que coisa, Grace?»

«Tu lembras-te — lembras-te de quando eu costumava ter uns cavalheiros amigos? Lembras-te do Toby?»

«Do Toby. Lembro-me. E do Kevin.»

«E do Kevin. Adivinha lá porque é que eu parei.»

«Porquê?»

«Por causa do Lionel... Lembras-te do verão em que o teu avô morreu?»

Dominic Oldman tinha saído para ir à pesca com o filho Mark (o único do seu casamento de doze anos com uma farmacêutica chamada Eileen). E subitamente a natureza tornara-se demasiado grande e demasiado ruidosa, e o Mark escorregara pela margem abaixo até ao impetuoso rio Avon, e o Dominic fora para lá atrás dele. Só o Mark tornara a sair — só o Mark tornara a sair de baixo das espessas redes das brumas.

«Deixaram o Lionel sair do Ijo para a cremação. Tu estavas lá, Des. Depois de aquilo acabar, ele traz-me a casa, entra aqui dentro e tira a Bíblia da prateleira. E põe a minha mão em cima dela e obriga-me a jurar. *Vai-se acabar o raio dos teus velhotes, Mãe*, diz-me ele. *Vais acabar com os teus disparates, mulher. De qualquer maneira já estás para além disso. Acabou-se tudo.*»

Des imaginou-se a si mesmo — naquele dia em Golders Green, vestindo camisa branca, gravata azul, calças compridas pretas. Tinha dez anos. A Avó deveria ter trinta e quatro.

«E ele assustou-me. Realmente assustou.» Ela suspendeu o pulso e rodou-o. «Passa-se o tempo e o Toby aparece por aí para tomar uma chávena de chá. Está cá dentro há meia hora quando tocam à campainha. O Lionel. Ele arrasta o coitado do Toby lá para fora pelos cabelos e dá-lhe uma tarefa a sério ali mesmo nos degraus. Por causa de uma chávena de chá! Ooh. Malvado Sr. Mostarda. Percebes, é que ele tem *espíões*... Não fiques assim tão aflito, Des! Contigo está tudo bem — de qualquer modo andas sempre a entrar e a sair cá de casa. E eu sou tua avó.»

Ela soltou a sua nova e estranha risada em espiral, estendeu a mão para as palavras cruzadas, e sentou-se com um ressaltado no cadeirão de braços ao lado da janela.

«Sete letras... É um anagrama. Já sei. *Feições*.

«Ah sim? Qual é a pista?»

«Caneca partida depois de usar.»

Enquanto caminhava por entre as lantejoulas de um aguaceiro de abril (ia até à delegação dos correios para obter um envelope e um selo de primeira classe), Des pensava nas coisas que sua mãe lhe contara — acerca de Lionel quando era criança.

A alcunha de Malvado Sr. Mostarda derivara da canção dos Beatles, e não se referia apenas à malevolência de Lionel mas também à avareza dele (*Dorme num buraco da estrada... Guarda uma nota de dez libras enfiada no nariz. Um velho tão malvado*). Ele ganhara a alcunha durante o período em que começara a andar — era um implacável açambarcador que não partilhava nada. Se algum dos irmãos brincasse com os seus brinquedos (mesmo quando ele lá não estava), acabavam por desejar não o terem feito. John, Paul, George, Ringo e Stuart tinham todos muito medo do seu irmão mais novo. John, que tinha então sete anos de idade, dissera a Cilla, que tinha então oito, ter muito medo de Lionel, o qual tinha então dois.

A última coisa que o pequeno Lionel fazia à noite era selar a tampa da sua caixa de brinquedos com uma humedecida madeixa de cabelos arrancados do seu próprio escalpe. Para poder saber se alguém se dava a liberdades enquanto ele estava a dormir... Seguidamente fazia as suas inquirições (era quase sempre o Ringo); e na próxima vez em que o *Ringo* estivesse a dormir, Lionel saltaria de surpresa para cima dele brandindo o seu Transformer mais pesado.

Serviram-lhe a sua primeira Diretiva de Restrição quando ele tinha três anos. Três anos e dois dias: um recorde nacional (embora disputado por outros pretendentes). Isso fora por quebrar para-brisas de automóveis com pedras da calçada; as autoridades

também notaram o hábito que ele tinha de, quando andava às compras com a mãe, derrubar a pontapé as pirâmides de garrafas e de latas em exposição; um interesse infantil pela crueldade para com os animais já deveria porventura ser esperado, mas Lionel foi mais longe, e em certa noite fez uma séria tentativa para incendiar uma loja de animais. Tivesse ele chegado meia geração mais tarde, e a primeira Diretiva de Restrição de Lionel ter-se-ia chamado uma BASBO, ou ASBO para Bebés... ASBO, que (como todo o reino sabia agora) significava Ordem de Comportamento Antissocial.

Qual era o problema dele? Porque se *esforçava* ele por ser estúpido? Quero dizer (pensou Des), se uma pessoa passa perto de um terço da sua vida de vigília no tribunal, não é um bocadito parvo como o raio mudar o nome, por vontade própria, aquando do seu décimo oitavo aniversário, de Lionel Pepperdine para Lionel Asbo? Tudo o que o seu tio dizia era que *de qualquer modo Pepperdine é uma porcaria dum nome. E Asbo até soa muito bem*. Era literalmente esse o caso: Lionel pavoneava a sua braçadeira eletrónica (parecia um atilho de tornozelo com uma bateria lá presa), até quando subia à barra das testemunhas no Old Bailey (*Ah sim. O Sr... «Asbo». Sr. Asbo, esta não foi a primeira vez que você...*). Só se podia fazer isso quando se dedicava imenso pensamento inteligente a ser-se estúpido.

*Querida Daphne*, escreveu Desmond na Sala de Leitura da Biblioteca.

*Sou um jovem habitante de Liverpool (15 anos) e ando a ter um caso com a minha avó. Obviamente, não é uma situação ideal. Moramos ambos em Kensington, que parece coisa fina mas na realidade é a área mais pobre da cidade (nós chamamos-lhe «Kenny»). Vim a Londres numa visita da caridade para ver «os Vermelhos» jogarem contra o West Ham, o que explica o carimbo dos correios.*

*Poderá informar-me acerca do lado legal disto? Anda a preocupar-me de uma maneira que nem me consigo concentrar.*

*E quando esse ponto ficar esclarecido, hei de voltar a escrever (se não fizer mal) acerca do meu tio e do outro problema que eu enfrento. Percebe, Daphne, é que eu estou muito confuso.*

Talvez eu devesse dizer a verdade a respeito de viver em Diston, pensou ele. Então ela haveria de compreender. Quero dizer, é uma demografia diferente.... Des encolheu os ombros. Não, assim estava bem. «Kenny» deveria por certo ser quase tão mau.

*Uma conversa numa das vossas Linhas de Apoio poderia ser uma boa ideia. E tem alguns panfletos que ache que eu deva ler?*

## 6

Em Diston havia muitos milhares de torres de alta tensão, e todas elas crepitavam. O pior trecho do Cuttle Canal era tão ativo como um géiser: cuspia e chapinhava, soprando beijos de lábios espessos aos transeuntes apressados. Para além de Jupes Lanes estendia-se Stung Meanchey (assim crismada pelos seus habitantes, que eram coreanos), uma lixeira de quase cinco hectares com entulho eletrónico da altura de uma casa, velhos computadores, televisores, telefones e frigoríficos: chumbo, mercúrio, berílio, alumínio. Diston zumbia. Radiação de fundo, música de fundo para uma esperança de vida de cinquenta e cinco anos.

Ele ouviu Lionel atacar os ferrolhos. Os estalos e os matraqueares dispersaram-lhe o seu serenante devaneio. Nesse devaneio, a diligente Daphne estava a aplicar-se a uma alta pilha de correio. Tirava do sobrescrito a carta de Desmond; a testa franzida dela derretia-se num leniente piscar de olhos; e começava a dactilografar a sua resposta. *Coitadinho de ti, deves andar para aí cheio de preocupações. E tudo isso sem motivo algum! Felizmente, no seguimento de uma alteração à lei em 1979, já não é...* Mas então Lionel entrou de rompante por ali dentro. Lionel entrou de rompante por ali dentro, com duas garrafas de quartilho de licor

sem rótulo (uma delas meio vazia), mais um vindalho de carneiro que ele trouxera já feito — para os cães.

«Saboreei o sucesso», disse ele, «com o Ross Knowles. À décima tentativa. Mas olha para aqui. Reúne toda a tua coragem, Des, e anda cá olhar para isto.»

Lionel parecia agitado, estimulado, se não completamente bêbedo (e, como sempre, um tamanho acima do esperado). Porém Des conseguia perceber que havia algo de errado, e presentia perigo... Lionel não estava bêbedo — ele nunca ficava bêbedo. Emborcava quantidades suicidas de álcool; e nunca ficava bêbedo. Era a mesma coisa com as drogas, o pó, o *crack*, o cavalo, o *ecstasy*, e a metanfetamina. Nada tinha efeito algum sobre ele (não havia nenhuma intoxicação nem nenhuma repercussão). Nessa esfera pelo menos, Lionel tinha uma condição estável. Mas hoje à noite ele tinha em si um ar de iluminado propósito, e havia algo de errado.

Lionel virou então de borco a garrafa de quartilho e bebeu seis goladas, sete, oito. Limpou a boca ao pulso e disse, «Foi a isto que este país chegou, Des. Um jornal nacional a imprimir *isto!*» Com indicador e polegar, e com uma certa demonstração de enfado, Lionel tirou do bolso traseiro um exemplar enrolado do *Morning Lark*. «Segunda página dos Classificados. Andam a chamar-lhes AQEGF.»

«Jesus... Essa aí tem setenta e oito!»

«AQEGF, Des. De mamas ao léu aos setenta e oito. Que anda ela a fazer ainda *viva* aos setenta e oito? Quanto mais em tronco nu! E isso é uma uh, uma contradição nos termos, essa é que é essa, Des. AQEGF. Avós Que Eu Gostava de... Ninguém *gosta* de foder uma avó. Pois claro que não. Contradição nos termos.» Lionel acrescentou vagamente, «Imagina que lhes chamavam VQEGF.»

«VQEGF?»

«VQEGF. Vovós Que Eu Gostava de... E isso é Inglaterra, Des. Uma nação outrora altiva. Olha. *Companheiro de Cama Avantajado Procurado por Fodilhona Tagarela*. Isso é Inglaterra.»

Era uma noite clara no princípio de maio com alguma frescura em si. Des limpou o suor do lábio superior.

«... Que se passa contigo, Des? Estás com um ar esquisito nessa tua cara.»

«Não, estou ótimo, tio Li. Então uh, então hoje obtive resultados. Com o Ross Knowles.»

«O quê? Oh. A mudares de assunto, não é.» Ele bocejou e prosseguiu com brandura, «Pois, eu estou lá à porta da Enfermaria de Observação com as minhas uvas. E aí até tive um bocadito de sorte. Está lá o chui — mas ele está em cima de uma maca. Com sangue a sair-lhe pelos ouvidos. Um daqueles uh, supermicróbios, nem sei.»

Des encolheu os ombros e disse, «O Diston General.»

«Pois. O Diston General... Portanto agora eu já estou debruçado por cima da cama e ele abre os olhos. Nunca levantei a minha voz acima de um murmúrio. Disse-lhe uh, *Lembra-se de mim, Sr. Knowles? Ou posso tratá-lo por Ross? As minhas sinceras desculpas, Ross, por alguma angústia que lhe tenha causado. Está a ver, naquela noite, eu não estava em mim. Estava a sofrer por amor. Por amor, Ross. Como se sentiria você, como se sentiria você, Ross, se a rapariga dos seus sonhos fosse montada pelo seu melhor amigo?*»

«Ele disse alguma coisa, tio Li?»

«Não. Tinha os queixos fechados com uns arames. A seguir eu digo-lhe, *Você tem de compreender, Ross, que eu sou um jovem muito desequilibrado. Ora se você levar este assunto avante, eu ficarei lá dentro durante — quê? Dezoito meses? Um ano? Mas quando eu voltar cá para fora, Ross, hei de tratar de si outra vez. Só que pior. E voltarei logo lá para dentro. Porque eu sou estúpido, pois sou. Eu sou estúpido...* De modo que pensámos nisso e chegámos a um acordo extrajudicial.»

«O que é que lhe vai dar?»

«Dou-lhe um cacho de uvas.» Lionel pôs-se em pé e disse, «Eu chamo a isso a teoria do tacanho, Des. Com essa nunca falha. Pronto. Onde está o Tabasco deles?»